



GÊNEROS DISCURSIVOS, CIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA: aproximações teórico-metodológicas a partir de *folders* de condomínios fechados

Darlan da Conceição Neves
dneves1987@gmail.com

Doutorando em Geografia e Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo/SP.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar as possibilidades de aprendizagem a partir de situações proporcionadas pelo professor, por meio das interações entre os estudos críticos do discurso e a Geografia Escolar. Para tanto, apresentaremos uma atividade realizada com uma turma de 2º ano de uma escola de educação técnica do município de São Paulo. Na oportunidade foi debatida a produção do espaço urbano da cidade de São Paulo na atualidade com os alunos e alunas, a partir do tema "condomínios fechados". A atividade se concretizou com uma análise individual qualitativa de *folders* de condomínios que, no momento de sua realização, estavam em fase de divulgação e venda em alguns bairros da capital paulistana. Ao final do trabalho, identificamos que os alunos perceberam uma multiplicidade de sentidos e significados, corroborando com a eficácia do material de divulgação em produzir certos sentidos sobre a cidade; além de também e em alguns casos, ao mesmo tempo, aguçar a percepção de que objetos espaciais reproduzem uma atualizada lógica de (re)produção espacial.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso, Educação geográfica, Cidade

**DISCURSIVE GENDERS, CITY AND GEOGRAPHY TEACHING:
theoretical-methodological approaches and learning
from closed condominium folders**

ABSTRACT

The objective of this work is to present the possibilities of learning from situations provided by the teacher, through the interactions between critical discourse studies and School Geography. To this end, we will present an activity carried out with a 2nd year class from a technical education school in the city of São Paulo. At the time, the production of the urban space of the city of São Paulo was currently discussed with male and female students, based on the theme "closed condominiums". The activity was carried out with an individual qualitative analysis of condominium folders that, at the time of their realization, were in the process of being publicized and sold in some neighborhoods in the city of São Paulo. At the end of the work, we identified that the students perceived a multiplicity of senses and meanings, corroborating the effectiveness of the promotional material in producing certain meanings about the city; in addition to, and in some cases, at the same time, sharpening the perception that spatial objects reproduce an updated logic of spatial (re) production.

KEYWORDS

Discourse, Geographic education, City

Introdução

A cidade de São Paulo apresenta possibilidades múltiplas de investigação e interpretação, à medida que se torna um campo fecundo de aprendizagem para o Ensino de Geografia. É lócus por excelência para compreensão da espacialidade do fenômeno urbano. A cidade como conhecimento geográfico, se abre em toda sua polifonia, para todos os níveis da educação básica.

O urbano como materialidade das práticas socioespaciais exerce influência sobre a percepção das pessoas que moram na cidade. As formas dos objetos, os processos socioespaciais que se desenvolvem na cidade, fazem parte do próprio movimento da sociedade e, neste sentido, a Geografia escolar deve proporcionar aos alunos a compreensão desses processos.

Nogueira e Carneiro (2013) afirmam que, para o estudo da espacialidade geográfica é importante que se gere proposições em situações de Ensino-aprendizagem que envolvam problemáticas sociais, ambientais ou culturais, de modo a pensar a complexidade do espaço; indagam como essa leitura pode ampliar o sentido dessa espacialidade. Esses autores ainda relacionam a espacialidade geográfica com a

realidade próxima dos alunos, com a forma que um lugar tem, além de considerar a relação entre as escalas local e global.

Concordamos com Cavalcanti (2008) ao afirmar que, a cidade: é um direito de todos e todas; é o lugar privilegiado do encontro e do confronto, a partir do reconhecimento das diferenças entre cada um, uma vez que é na cidade que a materialidade humana se apresenta com maior força. Portanto, é na cidade que acontece a vida pública de que todos e todas devem participar cotidianamente para garantir o acesso a todo espaço urbano e a suas urbanidades.

A importância da cidade para o Ensino de Geografia advém da perspectiva de formar o sujeito cidadão para a atuação na vida pública, por meio da gestão democrática, portanto, coletiva e colaborativa. A leitura do espaço da cidade, que é feita pelo re-conhecimento de seus elementos constituintes, compõe identificar pessoas, atividades produtivas, espaços públicos e privados. Deste modo, Cavalcanti (2008, p. 88) define que “o aprofundamento do estudo da cidade pode ser encaminhado para a apreensão de sua dinâmica interna, ou seja, para o entendimento de alguns de seus elementos básicos: como a produção, a circulação e a moradia”.

Para Cavalcanti (2013), é importante o trabalho construtivo de conceitos geográficos no percurso da aprendizagem dos conteúdos, tomando como base o que o aluno sabe, e pondo este saber em contato com os conhecimentos científicos. A autora dá ênfase a três conceitos, quais sejam o de Lugar, o de Território e o de Paisagem, por entender que potencializam a aprendizagem a partir de suas características análíticas que organizam o saber produzido pela ciência geográfica.

As diversas possibilidades de leitura dos elementos que compõem a cidade, e em especial a metrópole paulista, podem nos revelar ganhos para o Ensino de Geografia, a partir de outras áreas do conhecimento com as quais o professor pode dialogar. O desenvolvimento do pensamento geográfico autônomo pode e deve ser estimulado pelo professor. Neste intuito apresentaremos a base teórica na qual se assenta esta atividade que segue, para abrir o debate para a aproximação da ciência geográfica e do Ensino de Geografia com os estudos críticos do discurso.

Na primeira deste texto fizemos uma breve discussão sobre a natureza dos condomínios fechados na metrópole paulistana. Para tanto, dialogamos com Carlos (2012; 2015) Caldeira (2011) Rodrigues (2013) e Pádua (2015). Na segunda parte, apresentamos brevemente alguns dos pressupostos da Teoria Social do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough (2016) e com as observações de Ramalho e Resende (2011) como possibilidade teórico-metodológica para produzir novos sentidos

no Ensino de Geografia a partir do gênero discursivo *folder*. Na terceira parte relatamos e analisamos os resultados de uma atividade pedagógica desenvolvida com uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola de Ensino técnico da cidade de São Paulo. Ao final tecemos as considerações finais sobre o processo pedagógico e a potencialidade da escolha teórico-metodológica.

Condomínios fechados como forma atualizada de produção do espaço urbano da metrópole paulista

Habitar a cidade atualmente, percebendo o contexto das complexas relações territoriais no espaço da metrópole paulista, suscita o debate sobre quem e sob que circunstâncias é possível produzir e consumir o espaço urbano. Os sentidos produzidos que ecoam sobre moradia engendrados por agentes imobiliários, negam a função social da propriedade, além de alimentar ou justificar novas formas excludentes de habitar a cidade.

De acordo com Carlos (2012) precisamos estar atentos às formas pelas quais o espaço é tornado mercadoria, à medida que novos conteúdos vão aparecendo no espaço urbano. Em suas palavras,

A nós, ao contrário, cumpre entender que o mundo da mercadoria se desenvolve sob novas formas (a reprodução do espaço como mercadoria), produz uma contradição (que vai aparecer de forma definitiva e dramática na prática sócio-espacial) entre valor de troca e valor de uso, como consequência do movimento da história que transforma o espaço em mercadoria. Esse movimento é necessário para compreender como novos conteúdos da produção do espaço bem como os novos sujeitos que interferem em sua produção (CARLOS, 2012, p. 61).

Em outro texto seu (CARLOS, 2015), a autora tece considerações sobre a metrópole como força produtiva, na dimensão econômica, em associação capital e Estado que estabelecem os mecanismos legais de controle do espaço, tornando a metrópole como um espaço de acumulação, como produto e condição geral da produção. Afirma que é na relação entre o público e o privado que se orientam e se organizam as formas de apropriação do espaço, o que implica em produção de desigualdades, pois

Essas manifestações do espaço denunciam a alienação condita nessas formas, as quais realizam a desigualdade em que se assenta a sociedade de classes apoiada na existência da propriedade privada, que cria acessos diferenciados dos cidadãos da metrópole, em sua totalidade, a partir da aquisição da moradia (CARLOS, 2015, p. 50).

Para Correa (2013, 39) “a segregação residencial é um dos mais expressivos processos socioespaciais que geram a fragmentação do espaço urbano.” E porque essa expressão socioespacial é tão forte na capital paulista que esta proposta se debruça para criar nexos críticos e raciocínios geográficos sobre a produção espacial da metrópole.

Os sentidos que são postos a circular na cidade de São Paulo sobre os condomínios fechados ecoam sobre o imaginário social como oportunidade de viver bem dentro da cidade, muito embora haja espaços como estes fora dela, em áreas periurbanas. O fato é que sua concretização não se dá apenas no plano econômico (capacidade de compra), mas também no plano simbólico, com uma espécie de estética do viver bem que se manifesta nos gêneros discursivos adotados para divulgação desses equipamentos. Há que se perceber que os condomínios fechados são espaços de clausura com um tom de requinte, à medida que, como nos afirma Caldeira (2011) e Rodrigues (2013) são espaços que segregam os que moram dentro e afastam o que não são de dentro, isto é, os outros.

Os condomínios fechados são a versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos que chamo de enclaves fortificados. Eles estão mudando consideravelmente a maneira como as pessoas das classes médias e altas vivem, consomem, trabalham, gastam seu tempo de lazer. Eles estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o caráter do espaço público e das interações públicas entre as classes (CALDEIRA, 2011, p, 258).

Caldeira (2011) pesquisou os empreendimentos imobiliários quando se sua aparição em São Paulo na década de 1970. A autora afirma que esses enclaves conferem *status* a quem o compra, ao passo que nega e apresenta uma ruptura com o resto da cidade, na medida que se afasta dela, de consumi-la como um espaço público. Para a autora, esses empreendimentos tendem a homogeneizar seus consumidores, e é daí que surge a dimensão simbólica deste fenômeno urbano, pois aproxima aqueles que são próximos, nos quesitos de renda, classe e certo gosto estético pelo o que é considerado bom; e afasta os desiguais, os diferentes, notadamente os pobres, tomados como perigosos, suspeitos.

Correa (2013) afirma que esses empreendimentos fazem parte de políticas de classe, atuando como elementos que segregam e que impõem a segregação residencial. E a partir disso, ditam em quais áreas as pessoas com diferentes rendas e cargas simbólicas sobre a cidade podem habitá-las. Segundo este autor a autosegregação é vivida por algumas poucas pessoas da alta classe que em maior ou menor grau, atuam e/ou

controlam o Estado, atividades econômicas, além das melhores terra postas para urbanização etc.

Rodrigues (2013) afirma que os condomínios fechados devem ser entendidos em associação à propriedade privada, à mercadoria segurança, bem como a uma forma de produzir segregação socioespacial. O próprio direito à propriedade privada, segundo a autora, atua como mecanismo de perpetuação da segregação socioespacial, uma vez que as pessoas com rendas baixas não possuem capacidade de compra suficiente para comprar um imóvel desta natureza, uma vez que o espaço tem sido tomado como mercadoria.

De acordo com Pádua (2015) é importante atentarmos para a forma (discursiva) com que a imagem dos condomínios é criada. O detalhamento das estruturas internas desses empreendimentos é feito para ampliar sua valorização e produzir uma nova socialidade urbana que, para o autor, nos ajuda a entender a urbanização contemporânea. Os “novos produtos imobiliários”, como assim denomina, estão localizados em regiões de desindustrialização da capital paulista em bairros como Mooca, Belenzinho, Ipiranga, Vila Leopoldina, Santo Amaro. Pádua (2015) menciona que os agentes imobiliários têm produzido seus empreendimentos em outras áreas da cidade, mais afastadas da região central, nas periferias, para classes mais empobrecidas.

Outras características desses empreendimentos são evidenciadas por Pádua (2015): a) implicação no apagamento da memória do lugar no qual são construídos, uma vez que há mudança na paisagem no bairro, especificamente a memória operária; b) os empreendimentos como forma de investimento, não apenas para uso/moradia; c) separação entre condomínio e rua – espaço público; d) o trabalho com indicadores de bem estar social (segurança, sustentabilidade e qualidade de vida) para produzir efeitos de sentido de espaço raro dentro da cidade.

É de comum acordo entre alguns autores que estudam o tema que, condomínios fechados apagam a memória do lugar, por meio da substituição de moradias antigas ou de estabelecimentos comerciais a nova morfologia urbana.

Depois das contribuições teóricas apresentadas sobre a reprodução do espaço da metrópole paulista via condomínios fechados, na seção seguinte apresentaremos a base teórico-metodológica que tem o discurso como fio condutor da discussão que estamos empreendendo.

Teoria Social do Discurso

Os pressupostos teóricos do discurso na perspectiva crítica de Fairclough (2016), de linha britânica, buscam relacionar os usos da linguagem em relação ao funcionamento da sociedade. Através do entendimento de que o funcionamento da língua passa pelo crivo social, na disputa por produção e circulação de sentidos, o autor opera no sentido de promover uma mudança social discursiva, por meio de análise micro e macro de textos, relacionando aos contextos político, econômico e social. Segundo o autor, problemas sociais são também problemas de discurso, uma vez que o discurso figura em toda prática social, tornando-a parcialmente discursiva.

Ao formular as bases metodológicas da Análise de Discurso Crítica (ADC), Fairclough (2016) preocupa-se com os efeitos de sentido (ideológico) de textos. Segundo Ramalho e Resende (2011, p. 21), a ADC nos ajuda em:

[...] questionamentos de problemas parcialmente discursivos relacionados a poder, envolve o trabalho com textos, em qualquer modalidade – orais, sonoros, escritos, visuais – e sob qualquer forma – entrevistas, reportagens, publicidades, narrativas de vida, filmes e assim por diante. Esse principal material empírico com que o/a analista de discurso trabalha carrega propriedades sociodiscursivas muito relevantes, resultantes de sua produção e circulação na sociedade e, ao mesmo tempo, constituintes dessa mesma sociedade.

Segundo Fairclough (2016) o discurso figura pelos modos de (inter)agir, representar e identificar, que se mantém dialética e simultaneamente em práticas sociais (atividades concretas da vida cotidiana); isso implica uma relação entre discurso e prática. Esses modos do discurso estão ligados aos significados do discurso, que são o significado acional, representacional e identificacional. A partir desta ordem, o discurso é mobilizado a partir de três dimensões. Conforme explicam Ramalho e Resende (2011, p. 51):

[...] o **significado acional** relaciona-se ao eixo do poder, ou seja, a 'relações de ação sobre os outros'. Nessa perspectiva é que se entende que gêneros, como maneiras de (inter)agir e relacionar-se discursivamente, implicam relações com os outros, mas também ação sobre os outros e poder. O **significado representacional** relaciona-se ao eixo do saber. Discursos, como maneiras particulares de representar aspectos do mundo, pressupõem controle sobre as coisas e conhecimento. O **significado identificacional** relaciona-se ao eixo da ética. Estilos, maneiras de identificar a si e aos outros, pressupõem identidades sociais e individuais, ligadas às 'relações consigo mesmo', ao 'sujeito moral'.

A teoria resumidamente apresentada sustenta, portanto, os objetivos e procedimentos metodológicos da nossa proposta de atividade. Adotamos um

posicionamento de enfrentamento das questões relativas às formas de produção do espaço urbano da cidade de São Paulo, tendo essas formas-conteúdo como reflexo do contínuo processo de apropriação desigual do espaço urbano, na forma de mercadoria para acumulação ampliada de capital. Esta atividade buscou investigar junto com os alunos, como materiais publicitários fazem ecoar novos sentidos sobre habitar a cidade.

Dito de outro forma, coadunando discurso e produção do espaço da metrópole, a leitura geográfico-discursiva que buscamos empreender foi como o discurso modalizado para desempenhar certos sentidos, são potencializadores em perpetuar certas formas simbólicas no imaginário social sobre as formas de viver na cidade. Especificamente, objetivamos investigar como os *folders* tomados como (gêneros discursivos) e utilizados como material de divulgação de condomínios fechados, são utilizados para disseminar novos sentidos de habitar na capital paulista.

Na ADC, o gênero não assume a função de um tipo de texto apenas, mas também como um espaço de negociação de relações sociais entre os sujeitos do discurso. O gênero discursivo trata da relação com e sobre as pessoas. Como afirmam Ramalho Resende (2011, p. 60):

[...] os gêneros como um elemento de ordens do discurso associado ao significado acional/relacional, a rede de opções de gêneros refere-se a um potencial abstrato previsto nas redes sociodiscursivas de ordens do discurso, que permitem e constroem processos de significação.

A perspectiva de gênero discursivo funda-se em Bakhtin (2016) que afirma que o gênero discursivo é um conjunto relativamente estável de enunciados. De acordo com esse autor, o gênero apresenta uma forma composicional, um tema e um estilo.

A forma composicional é a arquitetura que o diferencia de outro. O tema está associado as valorizações ou julgamentos de valor que o enunciador quer deixar transparecer no conteúdo temático. O estilo é relativo às escolhas linguísticas que compõem o gênero; escolhas particulares de uso da língua e acrescentamos, de semioses e demais linguagens.

Em se tratando de um folder de divulgação de condomínios fechados, o estilo vai também influenciar na escolha das imagens, mapas, croquis, personagens etc. que compõem o material. Isso evidencia que gêneros discursivos são extremamente flexíveis ao atenderem de forma diversa as finalidades das interações verbais, podem se tornar híbridos, ou seja, compostos de várias linguagens e semioses para produzir o tema do enunciado e os efeitos de sentido sobre os condomínios fechados.

A partir do conceito de “esferas de atividade humana”, Bakhtin (2016) afirma que as situações de comunicação são função dos locais nos quais o gênero é formado ou criado, obedecendo às regras de interação verbal entre os sujeitos nas esferas específicas como a política, jornalística, publicitária, escolar, religiosa, artística etc.

Podemos dizer que o *folder* como um gênero discursivo participa da esfera de atividade da publicidade, apropriado como suporte/veículo/meio para a promoção da venda de condomínios fechados. Os agentes imobiliários por meio desse gênero, agem e interagem com seus leitores, que normalmente são consumidores em potencial, isto é, pessoas que possivelmente estão predispostas a comprar um apartamento. Mas não apenas essas, pois como este tipo de material é entregue de mão em mão, principalmente nas ruas, distribuídas aleatoriamente, acreditamos que os sentidos potenciais que estão neste gênero, podem alcançar um número maior de pessoas, mesmo as não consumidoras. Na seção seguinte apresentaremos os resultados da atividade desenvolvida. Na oportunidade apresentaremos como a proposta da atividade fora elaborada.

Resultados e discussão

Dos passos para a realização da atividade a sua aplicação

Essa atividade foi gerada a partir das discussões realizadas em sala de aula sobre produção do espaço. Como de praxe, trabalhamos essa questão na escala global, iniciada com a espacialização deste fenômeno no contexto capitalista de produção, delimitando-o nas sociedades atualmente consideradas de economia avançada e em desenvolvimento. Nos momentos seguintes realizamos uma aula dialógica sobre a apropriação do território nacional e sua produção nos diferentes períodos históricos. Este conteúdo fez parte do primeiro bimestre do ano letivo de 2019.

Para entender melhor como se encontra a produção atual em espaços de metrópoles, realizamos esta atividade para possibilitar raciocínios geográficos sobre a produção do espaço, a partir da capital paulista. Os alunos foram convidados a realizar uma avaliação qualitativa de *folders* de condomínios fechados, uma vez que um olhar sobre estes materiais, poderia nos render importantes compreensões acerca da urbanização atual.

Foi entregue a cada aluno um *folder* de divulgação de um condomínio fechado situado em bairros da capital. Foram disponibilizados diversos materiais de vários empreendimentos para que se percebesse que, embora se tratasse da mesma atividade (imobiliária), havia diversidade discursiva dentro desse mesmo setor, considerando que os empreendimentos se destinam a consumidores de classes sociais distintas. Na atividade entregue a cada aluno constavam dois textos curtos de natureza científica, as orientações e as questões-problema.

Ressaltamos que não foram trabalhados os pressupostos da ADC com os alunos, mas esses estavam na base das discussões das aulas anteriores, bem como foram o suporte teórico-metodológico próprio da atividade, especificamente no norteamento da formulação das questões. Os alunos tiveram duas aulas com 50 minutos cada para responder sete questões.

Resgatando a sequência didática realizada: a) nas primeiras aulas, em um total de quatro, trabalhamos conteúdos sobre a produção capitalista do espaço mundial; b) na terceira semana (duas aulas), trabalhamos a produção do espaço brasileiro, desde a colonização até o presente; c) na quarta semana (duas aulas), realizamos o estudo de caso que está sendo descrito neste texto.

Durante a aplicação da atividade tratamos brevemente sobre a apresentação do tema e do processo de avaliação dos *folders*; houve o cuidado de não abordar o tema teoricamente para não influenciar nas respostas, à medida que algumas dúvidas foram sendo sanadas. Deste modo, toda a compreensão inicial sobre o fenômeno da produção do espaço da metrópole paulistana veio da interação com os dois textos presentes na atividade e na observação, análise e avaliação do material de divulgação entregue a cada aluno, proporcionando, assim, um momento dialógico entre cada aluno e o *folder*.

O diálogo estabelecido entre a turma e o professor, no momento de realização da atividade, e das aulas anteriores proporcionou o entendimento da produção do espaço via condomínios fechados. Na Seção seguinte apresentaremos a avaliação realizada sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula.

Da avaliação crítica da atividade à avaliação crítica da metodologia utilizada

Pelos limites deste trabalho limitamos a apresentação de algumas imagens dos materiais publicitários e algumas respostas das questões 4 e 5 que julgamos relevantes para a discussão sobre a metodologia proposta e sobre o desempenho dos alunos. A

nossa pretensão é mostrar como a ADC pode ser trabalhada no Ensino de Geografia para o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Além de ajudar na compreensão de novos sentidos sobre a cidade, esta metodologia pode servir como parâmetro para analisar o desempenho dos alunos (reconstrução de sentidos) e avaliar como se estabelece a relação dialógica entre aluno e *folder*. Dito de outra forma, a ADC pode ajudar a construir atividades e avaliá-las dentro da perspectiva discursiva crítica.

Preservamos a escrita original das respostas dos alunos, logo há palavras sem algum acento gráfico ou orações sem concordância, com o objetivo de garantir a integridade dos dados coletados, além do mais, enumeramos as respostas por questão. Os nomes dos alunos foram ocultados para preservar suas identidades. Os elementos norteadores para a apresentação dos resultados serão as perguntas da atividade. Desta forma, o quadro 1 apresenta as sete questões. No quadro 2 consta algumas respostas da questão 4. Não colocamos todas as respostas destas duas questões, devido à repetição de algumas respostas que possuíam o mesmo sentido.

Quadro 1: perguntas propostas da atividade pedagógica

Questão 1	Identifique os equipamentos urbanos e outros componentes do entorno que valorizam a aquisição de apartamentos do material de divulgação. Como o material de divulgação apresentam esses equipamentos em favor da valorização do local?
Questão 2	Há pessoas no material de divulgação? Descreva-as e tente deduzir o motivo pelo qual elas aparecem nesse material? O que o folder quer que o consumidor entenda com isso?
Questão 3	Como estão descritos os espaços internos do condomínio? O que há nesses espaços? De que esses espaços querem nos convencer?
Questão 4	Qual a relação que podemos estabelecer com os espaços públicos ou espaços externos aos condomínios se muito do que está na cidade, está nos condomínios?
Questão 5	É possível identificar o tempo nesses folhetos? De que forma ele se apresenta como elemento de comodidade?
Questão 6	A partir da observação do folheto como um todo, é possível perceber para qual público o empreendimento se destina. Tente identificá-lo e relacioná-lo com o padrão de vida que o projeto oferece.
Questão 7	A partir de toda análise realizada, produza uma síntese daquilo que foi mais significativo para você. Identifique o que mais chamou à atenção e por quê. Se sentiram falta de algo que poderia ser melhor apresentado para identificar o condomínio e o bairro no qual se insere.

Org.: Elaboração própria (2020).

Quadro 2: Amostras das respostas dos alunos

4. Qual a relação que podemos estabelecer com os espaços públicos ou espaços externos aos condomínios se muito do que está na cidade, está nos condomínios?
<ol style="list-style-type: none"> 1. "A relação que as pessoas não precisam sair do condomínio para a área externa para usufruir daquilo que tem na cidade, e economiza [...], não pega trânsito, etc." 2. "Que você não precisa sair do espaço externo, sendo que o condomínio já te oferece esse espaço ou seja, deixa o que é de fora, lá fora e "prender" o que está dentro." 3. "Eles tentam fazer com que os espaços internos do condomínio sejam mais bonitos e mais acessíveis as pessoas, como parques, academias, playgrounds e etc." 4. "É possível estabelecer que eles terão privilégio já que a mesma que se tem na [...] também há no condomínio mas com a diferença que será privado apenas para quem morar lá, e as pessoas sempre querem ser mais privilegiadas." 5. "Que em espaço públicos as pessoas podem se sentir inseguras e dentro do condomínio você mal sai de casa e já está em espaços confortáveis e seguros." 6. "Mostra que as famílias não vão precisar sair do próprio condomínio para poder se divertir, relaxar ou até mesmo fazer academia." 7. "Os ambientes fechados são mais seguros, pessoas que se conhecem e convivem entre si." 8. "Não precisamos sair do prédio para ir pra piscina ou academia, fica mais pratico, seguro e confortável." 9. "O condomínio que possui tudo o que os espaços públicos também possuem, nos trazem o sentimento de exclusividade. [...] Eles tem o intuito de colocar todos os serviços deles são muito melhores do que os de fora." 10. "O apartamento tem tudo que os espaços externos tem, [...] evitando gastar mais conduções." 11. "A relação que podemos estabelecer é que os condomínios querem suprir as necessidades e soluções que achamos em espaços públicos dentro, de maneira fechada e privada, fazendo-nos acreditar que dentro do condomínio temos nossas dificuldades e necessidades supridas de maneira mais segura e reservada." 12. Com base a isso concluímos que no condomínio é mais seguro e tem mais aproveitamento nos espaços fechados." 13. "É uma relação de deslocamento mais prático e valorização dos espaços internos do condomínio, como academias e vendas, fazendo com que o cliente deixe de usar os espaços públicos e externos e usem os do condomínios."

Org.: Elaboração própria (2020).

O fundamento da questão 4 (Quadro 2) com a ADC está em relacionar sentidos sobre a cidade (espaços externos públicos), ou que estão disponíveis para consumo na cidade e os mesmos espaços que estão dentro dos condomínios (áreas de lazer, sauna, salão de jogos etc.), como os aparecem na figura 1.

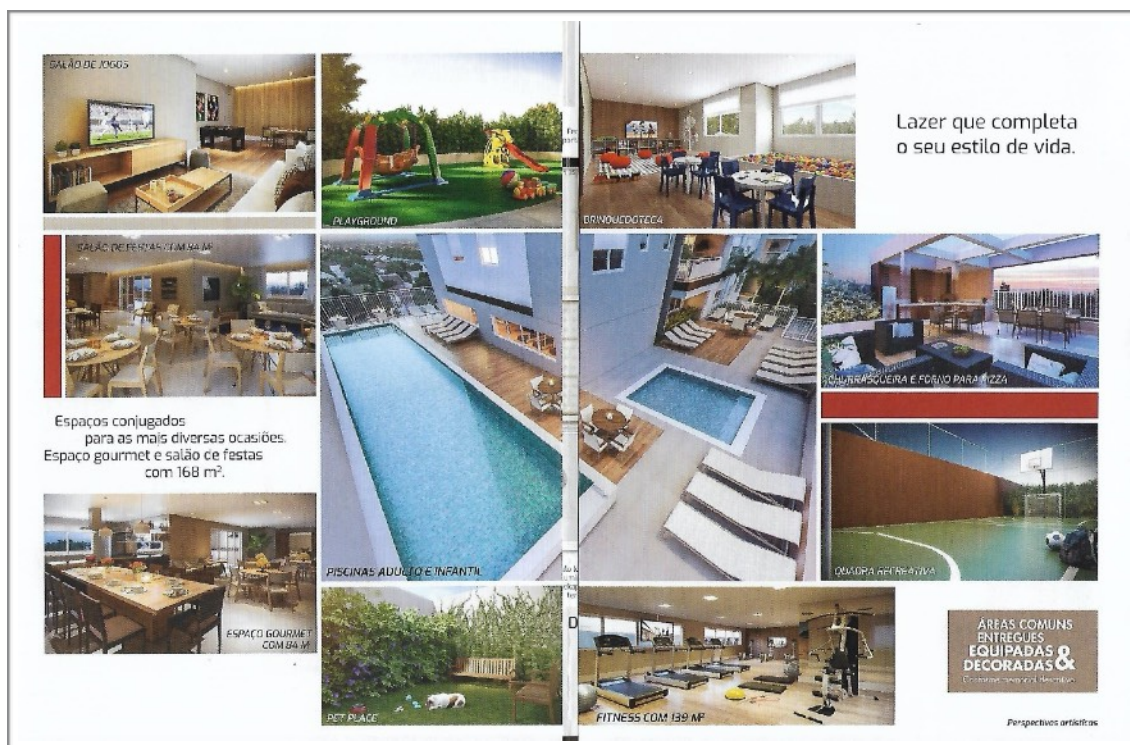


Figura 1: Serviços ofertados em um material de divulgação.

Texto das imagens da figura: Salão de jogos; Playground; Salão de festas com 84m²; Espaço gourmet com 84m²; Piscinas adulto e infantil; Pet place; Brinquedoteca; Fitness com 139m²; Churrasqueira e forno para pizza; Quadra recreativa.
Org.: Elaboração própria (2020).

A categoria “Avaliação” da ADC nos ajuda a investigar as marcas textuais em diversos gêneros discursivos sobre processos de julgamento ou atribuições valorativas sobre objetos, pessoas etc. No nosso caso, as atribuições de valor sobre espaços públicos e privados. Para tanto, é necessário identificar como o objeto em análise está discursivamente construído, qual juízo de valor (positivo ou negativo) foi atribuído e como essas marcas servem para ocultar ou evidenciar outras situações, pessoas, ações, grupos sociais, instituições etc. (FAIRCLOUGH, 2016).

Como maneira particular de se posicionar diante de aspectos do mundo, avaliações são sempre parciais, subjetivas e, por isso, ligadas a processos de identificação particulares. Caso tais processos envolvam posicionamentos ideológicos, podem atuar em favor de projetos de dominação. Avaliações, então, são significados identificacionais que podem ser materializados em traços textuais como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deonticas, avaliações afetivas e presunções valorativas. A avaliação é, em princípio, uma categoria identificacional, moldada por estilos. São apreciações ou perspectivas do locutor, mais ou menos explícitas, sobre aspectos do mundo, sobre o que considera bom ou ruim, ou o que deseja ou não, e assim por diante (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 119).

Na questão 4 (Quadro 2) pretendíamos que os alunos fossem capazes de relacionar as formas de bem viver nos condomínios a partir do que esses oferecem, ao mesmo tempo em que eles dizem que não é necessário consumir a cidade, criando uma negação desta. Seriam os alunos capazes de perceber a oposição entre cidade e condomínio, isto é, entre espaço público x espaço privado?

Nas respostas 1, 2, 6, 8 e 13 os alunos mostraram suas impressões ao afirmarem que os serviços e produtos disponibilizados no condomínio fariam com que seus moradores/consumidores não precisassem usar a cidade. Identificamos alguns sentidos construídos pelos alunos, com relação aos condomínios, como por exemplo: “estética” ou o gosto pelo o que é bom ou o que pode fazer bem, na questão 3; “exclusividade”, nas questões 4 e 9; “segurança”, nas questões 5, 7, 11 e 12; “economia de tempo/mobilidade/acesso”, na questão 10.

A partir dessas respostas podemos chegar à seguinte conclusão: os alunos identificaram a oposição pelos diversos sentidos potenciais que estão nos *folders* por diferentes sentidos produzidos. Esta oposição é criada pela diversidade valorativa dos ambientes que os condomínios apresentam (áreas internas e externas do terreno), na medida que criam uma separação com os espaços externos da cidade.

As diferenças entre o público e o privado (condomínios fechados x cidade), identificadas nas respostas dos alunos, textualizam como os agentes imobiliários apresentam os novos objetos espaciais e espaços de serviços aos seus possíveis consumidores. Valorações positivas são uma forma de identificar o outro e as coisas do mundo (FAIRCLOUGH, 2016); essas valorações foram constantemente empregadas para caracterizar esses objetos como necessários à vida na metrópole.

Tanto a identidade que o *folder* constrói sobre o consumidor/usuário potencial, a partir de um determinado estilo de vida, quanto às diferenças que acarretam distinção entre os sujeitos da cidade que o espaço do condomínio proporciona, estão ambos, identidade e diferença associados ao significado identificacional do discurso do agente imobiliário.

Identidade e diferença relacionam-se ao controle de classificações que os contextos de dominação exercem sobre pessoas que habitam o urbano; não apenas sua apropriação material, mas também a apropriação simbólica de como deve ser e viver na cidade. “É por meio da representação que identidade e diferença se ligam a sistemas de poder; questionar identidades e diferenças é, então, questionar os sistemas legitimados que lhe servem de suporte na atribuição de sentido” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 77).

Numa cidade como São Paulo o quesito segurança é considerado fundamental para quem quer se sentir protegido, fora da periculosidade que o andar nas ruas poderia causar (CALDEIRA, 2011) (RODRIGUES, 2013). Além da segurança, as pessoas, segundo a lógica dos agentes imobiliários, querem exclusividade na obtenção de seus bens para se distinguirem dos demais - efeito simbólico da distinção. Para tanto é necessário produzir uma estética própria, investimento na qualidade gráfica dos materiais, da figuração de pessoas e dos ambientes internos que são vendidos juntos com os apartamentos, mesmo que o produto final não seja como no *folder*; ao mesmo tempo que diz estar perto de tudo aquilo de que precisamos de parques para o lazer; de mercados, farmácias e *shoppings*, para fazermos compras, como na figura 2. Os alunos perceberam esses sentidos a partir da interação com os materiais de promoção dos condomínios, evidenciando assim, a efetividade da proposta e a eficácia de alcançar novas compreensões sobre o fenômeno urbano.



Figura 2: Parte de um material de divulgação fazendo conexão entre o empreendimento imobiliário e os equipamentos urbanos, usando a distância textualmente marcada como elo.

Org.: Elaboração própria (2020).

Os sentidos construídos pelos alunos textualizam como o discurso do *folder* está modulado a partir de distinções entre o espaço do condomínio e o espaço da cidade. Há, portanto, a percepção por parte dos alunos, da construção da oposição que valoriza os

condomínios, ao mesmo tempo que exclui seu outro, a cidade. Neste sentido Fiorin (2011, p. 33) afirma que:

Cada tema e/ou figura de um discurso nega o tema e/ou figura de seu correspondente do seu outro. O discurso constrói-se sobre o princípio da antítese e é, portanto, atravessado pela exclusão de seu outro. As mesmas palavras podem estar nos dois, mas com as mesmas palavras, eles não falam das mesmas coisas.

Na questão 5 (Quadro 3) discutiremos a polifonia do *folder*, isto é, como este gênero discursivo pode figurar diversas vozes sobre o mesmo objeto. O objetivo era que os alunos percebessem a valorização dos empreendimentos pela relação de proximidade e conexão (figura 2) com outros objetos espaciais para criar sentidos de economia de tempo representados em mapas, imagens, croquis ou em marcações textuais. Portanto, a valorização do tempo cronológico com aquilo que nos seria essencial para viver em um bairro (mercado, parque, vias de circulação etc.).

Quadro 3: Amostras das respostas dos alunos

5. É possível identificar o tempo nesses folhetos? De que forma ele se apresenta como elemento de comodidade?
<ol style="list-style-type: none"> 1. “A comodidade e a proximidade dos espaços externos, como parques, shopping, estações de metrô, faz o morador do condomínio economizar tempo na locomoção, pois está mais perto e não demora muito pra chegar, economizando tempo.” 2. “Próximo e acessível a metrô e ônibus. Mais acesso a cidade. Sendo assim, além de segurança e modernidade, o condomínio também te oferece mais facilidade.” 3. “É fácil você voltar para casa quando sua casa está localizada perto de um bairro conhecido ou do lado de uma metro que para você se locomover e mais fácil e demanda menos tempo ou seja menos cansaço stress e nervoso em transporte público, economizando em gasolina e dependendo menos de carro.” 4. “Sim, perto de vias representado em desenhos e em uma frase como “250m do metro Brás”, e um mapa de tudo ao redor.” 5. “Tempo tranquilo e suave sempre aconchegante atraindo assim ainda mais o cliente.” 6. “É possível indicar um fim de tarde apresentando-se como uma comodidade igual por ser um lugar calmo sem grande fluxo de pessoas.” 7. “Sim na parte que fala sobre o parque diz que e ele manter o ar das cenas 30 isso da a pensar que e algo retro, bonito.” 8. “Sim, o horário apresentado nas fotos proporcionando um clima agradável para ficar nos espaços apresentados. Na foto do parque é apresentado com a foto tirado pela manhã ideal para visita, já no living é apresentado um fim de tarde.”

Org.: Elaboração própria (2020).

As respostas obtidas foram surpreendentes, algumas não previstas pelo próprio professor. A palavra “tempo”, na questão 5 (Quadro 3), mostrou-se polifônica, pois alguns alunos associaram-na com o tempo meteorológico, e outros alunos, com o tempo

cronológico, sendo este nosso intuito inicial. Identificamos que os alunos, por meio de suas leituras cotidianas, e em contato com o material em análise, produziram vários sentidos, além do que fora esperado. Isso significa dizer que os sujeitos da aprendizagem mobilizaram conhecimentos de suas práticas espaciais anteriores, ampliando ainda mais o entendimento de forma autônoma sobre a relação entre equipamentos urbanos. Isso também nos fez pensar que, embora atividades pedagógicas possuam uma determinada finalidade estipulada pelo professor, as mesmas não podem ser fechadas, mas sempre abertas às mudanças.

Voltando à análise, o tempo cronológico está manifesto nas respostas 1, 2, 3 e 4 (Quadro 3). Enquanto que o tempo meteorológico está expresso nas respostas 5, 6 e 8. A questão 7, além de trazer o sentido do tempo pelo “ar das cenas”, há também o sentido de “nostalgia” de algo passado que fez com que o aluno o interpretasse assim. Acreditamos que não há nada de errado nessas várias impressões, posto que, indo além daquilo que fora designado, foram construídos novos sentidos do fenômeno urbano. Além do mais, pretendíamos também identificar efeitos de sentidos que o *folder* poderia causar nos alunos e a prova está na polifonia textualizada.

As respostas 1, 2, 3 e 4 foram desenvolvidas a partir do que o *folder* queria transmitir: praticidade e economia de tempo. Assim, torna-se vantajoso morar no condomínio. O discurso do empreendimento foi efetivo neste caso. A hipótese levantada por nós, para entender o sentido da palavra tempo nas respostas 5, 6 e 8 (tempo meteorológico), é que esta palavra é comumente utilizada nas aulas de Geografia para determinar as condições da atmosfera. Por se tratar de uma aula de Geografia, acreditamos que os alunos fizeram esta associação.

Como afirmamos anteriormente, os alunos mobilizaram conhecimentos anteriores, à medida que foram construindo seu processo dialógico com o *folder*. Essa dialogia é fundamental para produção de sentidos. Brait (2005, p. 95) afirma que “o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos”.

A palavra tempo apresentou-se, portanto, polifônica, isto é, a partir dela, foram identificadas várias vozes no mesmo discurso, como acima mencionado. Os alunos construíram conhecimentos geográficos a partir de vozes anteriores que estão manifestas nos *folders*. A resposta 7 apresentou um sentido totalmente diferente e não esperado, como foi percebido pelo aluno. Neste caso e com o sentido percebido do tempo

meteorológico, a imagem contida no *folder*, foi fundamental para essa construção dialógica.

A descrição da imagem na resposta evidencia que a cena construída no *folder* pôde ativar outros sentidos; um dos alunos inferiu que o *folder* estava construindo um certo saudosismo de um ambiente tranquilo, como se passado e presente pudessem compartilhar da mesma ideia. Possivelmente a tranquilidade de uma cidade pequena? É possível, uma vez que a cidade grande também é conhecimento por seu constante barulho de carros, trens etc. A polifonia como a presença de vozes em um texto (BAKHTIN, 2009), é a forma capaz de produzir e mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, a partir de seu contato anterior com lugares, pessoas e situações.

Segundo Bakhtin (2009, p. 96) [...] “o essencial na tarefa da descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular”. Compreender/descodificar é diferente de identificar. Bakhtin (2009) adverte que o signo é compreendido e que o sinal é identificado. “O sinal é uma entidade de conteúdo imutável (*idem*, p. 96) e identifica coisas imutáveis”. Quando lemos um texto ou uma palavra determinada, o autor adverte que não devemos apreender a palavra em si mesma, mas a partir do sentido ou da orientação lhe é atribuída no contexto apresentado. E provavelmente foi isso que habilitou os alunos a desempenharem múltiplas interpretações.

Para finalizar esta seção, retomamos ao que mencionamos no início deste texto sobre a espacialidade geográfica em Nogueira e Carneiro (2013): a proposta desta atividade como meio de problematização da produção do espaço e da vida na cidade. Como condição para inteligibilidade do espaço geográfico na educação básica, buscamos relacionar os conhecimentos sobre a produção local de determinados bairros de São Paulo, apresentando-a a partir do contexto de reprodução da capital como mercadoria, que transforma o espaço em algo raro, para, a partir disso, introduzir novas formas-conteúdo nesse espaço local. Não sem efeito, esses novos conteúdos urbanos minam as experiências passadas, vividas de um período histórico anterior, visto que nascem da tomada do lugar do outro, apagando-lhe a memória impressa na paisagem local.

Considerações finais

Pretendemos mostrar as possibilidades de investigação de sentidos urbanos, a partir da aplicação de uma atividade direcionada para alunos do 2º ano Ensino médio de uma escola técnica da cidade de São Paulo. A atividade foi direcionada a partir dos pressupostos da ADC de linha britânica, que busca investigar questões de discursos, sentidos ideológicos de textos, entendidos como problemas sociais parcialmente discursivos.

Na oportunidade, mostramos e analisamos o desempenho dos alunos na realização da atividade, à medida que apresentamos alguns pressupostos da metodologia utilizada tanto na atividade pedagógica, como na própria avaliação da atividade.

Identificamos que múltiplos sentidos podem ser construídos com um mesmo material semiótico; neste caso a opção de escolha foi de *folders* de empreendimentos imobiliários. O *folder* como um gênero discursivo relativamente estável para produzir e fazer ecoar sentidos a cidade, mostrou-se eficaz no desenvolvimento da atividade, na produção de sentidos sobre o urbano e na constatação de sua polifonia.

Nesta atividade os ganhos foram muitos, tanto para os alunos que fizeram leituras quanto para o professor, que refletiu sobre sua prática, depois da análise empreendida na atividade.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira; Prefácio de Roman Jakobson; Apresentação de Marina Yaguello. 16. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2009.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução e posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas de tradução russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. BRAIT, T. (org) **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A.F.A; SOUZA, M.L.; SPOSITO, M.E.B. (orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 53-74

_____. A tragédia urbana. In. CARLOS, A.F.A.; VOLOCHKO, D.; ALVAREZ, I.P. (orgs). **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 43-64.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade:** ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____, Geografia escolar e a busca de abordagens teórico-práticas para realizar sua relevância social. In: SILVA, E.I.; PIRES, L.M. (orgs.). **Desafios da Didática de Geografia.** Goiânia: Ed. Da PUC de Goiás, 2013.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira, Henrique Monteiro. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34: Edusp, 2011.

CORREA, Roberto Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: PINTAUDI, S.M.; CORRÊA, R.L.; VASCONCELOS, P.A. (orgs.). **A Cidade Contemporânea:** segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 39-60.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2. ed. Brasília, DF: UnB, 2016.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade.** 2. ed. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. p. 29-36.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação geográfica e formação da consciência espacial.** Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013.

PADUA, Rafael Faleiros de. Produção estratégica do espaço e os “novos produtos imobiliários”. In: CARLOS, A.F.A; VOLOCHKO, D.; ALVAREZ, I.P. (orgs.). **A cidade como negócio.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 145-163

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Coleção: Linguagem e Sociedade. Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Loteamentos murados e condomínios fechados: propriedade fundiária urbana e segregação socioespacial. In: PINTAUDI, S.M.; CORRÊA, R.L.; VASCONCELOS, P.A. (orgs.). **A Cidade Contemporânea:** segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p.147-168.

Recebido em 28 de outubro de 2019.

Aceito para publicação em 07 de junho de 2020.